

MARCELO BACKES

O último minuto

Romance

Copyright © 2013 by MarceloBackes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

<?>

Imagem de capa

<?>

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Backes, Marcelo

O último minuto : romance / Marcelo Backes. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2265-3

1. Romance brasileiro I. Título.

13-02512

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Tu já matô os gatinho?

Ouve-se e o ouvido dói. Mal se conhece o estranho que conta, que fala, que narra numa arenga sem fim, jurando que foi assim que tudo começou. Pois é, o pai voltava da lavoura, a família já estava à mesa, as panelas fumegavam, que travessas não havia. E ele, o estranho, o que conta e jura, é obrigado a se levantar, ir ao galpão, pegar os recém-nascidos, olhos fechados, nada do mundo ainda, a não ser um punhado precário de deduções às cegas, seis num saco, levá-los pra roça, miados mínimos, lamentos minguidos de quem não sabe o que se passa e apenas sofre pela mãe só teta tão longe de repente, e bater todos contra o moirão da cerca, antes de jogá-los nas macegas, já mudos, calados pra sempre. E depois voltar pra casa, pra mesa. Pra almoçar frio. Na medida em que dava.

E o estranho, nessa vida sempre encontramos o que não estamos procurando, o que nem sabemos que estamos buscando, esse tal de João de todo mundo, João, o Vermelho, na verdade Iánic, conforme ele dizia, ainda pergunta como alguém pode não

resultar duro, pro bem e pro mal, educado no sofrimento assim desse jeito. Alguns sobrevivem, outros não, ele logo diz, vai dizendo. E os gatinhos eram apenas um elemento, talvez o mais forte, naquele estrambótico universo do qual ele vinha.

Eu olho, ainda olho, pras calças largas, gastas, de um axadrezado mais claro, que terminam no par de alpercatas, por cima uma puída camiseta encarnada, modelo retrô, que eu sabia ser do Sport Club Internacional. Subo e no coco vejo uma boina, encobrindo um rosto que eu no começo não conseguia dizer muito bem como era mas tinha uma boca que aparecia, mais pra parte de baixo, uma boca de lábios duros, sempre chupando em forma de “o” num canudo de bambu que saía de dentro de um copo de plástico cheio de uma erva verde esquisita.

Vais querer um chimarrão?

Ele só perguntaria uma vez, no primeiro encontro, que na verdade nem foi o primeiro, depois de um ronco na garganta, um pigarreio que secundou o estertor da cuia improvisada. Eu disse que não, e ele impediu a justificativa repuxando as calças pelo cós num gesto quase obsceno, enquanto eu me encolhia na banqueta que parecia balançar no parco equilíbrio de seus quatro pés irregulares. Melhor se fossem três.

Se digo cuia, aliás, foi porque aprendi com ele, e se não disse que as calças eram bombachas foi porque ele não me falou, pensando que eu sabia. Eu não sabia, mas logo descobri, porque costume me informar sobre aquilo que desconheço e investigar o que me escapa. Meu papel era estar ali, e eu estava. Viera pra consolar, ou mais que isso, mas me limitava a ouvir, e demorei a largar a impressão de que ele só admitia minha presença porque não queria falar pras paredes, porque em seus pés bem assentados no chão precisava de um ouvido mais que meramente imaginário do outro lado, sem contar que fazia questão de dizer que não era louco, por mais besteiras que escrevessem, que dissessem dele por aí.

E o estranho acabou por se debulhar todo pra mim, e, na medida em que é possível contar alguma coisa, em que o contado efetivamente tem a ver com o sucedido, ele me contou tudo, pelo menos era a impressão que eu tinha. Ele desde logo não me pareceu ser desses que ficam rodeando a moita, como ele mesmo disse certa vez, como vivia dizendo. Dava nome aos bois, soltava os cuscos de sua alma.

Cuscos?

Não sei por quê, e eu estranhava muito, mas depois de se lamentar devido à certeza da perda futura de sua cela individual, uma das coisas que ele sempre me perguntava com medo era se a pena de morte ainda não havia sido aprovada. Pena de morte? Eu desconhecia lei a respeito e respondia que não, e quando tentava continuar pra referir cláusulas pétreas e coisas do tipo, que eu, filho de juristas, conhecia muito bem, ele logo me cortava e alegava que o berreiro público era tanto que alguém podia muito bem ter a ideia de fazer um plebiscito, e aí tudo estaria perdido. Religiões como a minha, segundo ele, só matavam a sede dos mais fracos, eram abstratas demais, e todo mundo estava cada vez mais bruto, o populacho aprendera a beber sangue nas brincadeiras virtuais, e agora queria arrancar de verdade o coração dos outros, meter a mão na carne, esfaquear ossos.

Quem falando, eu pensava.

De resto, ele raramente se queixava, dizia até que o ambiente ali lhe agradava. Que o telefone não tocava, a campainha não soava, que ninguém o perturbava. A não ser eu! Mas até com isso ele queria se acostumar aos poucos, desde que eu deixasse de lado minhas picuinhas e tentativas de conversão.

Sobretudo à noite, o silêncio era absoluto, e ele gostava. A cacofonia do cotidiano acabara, e ele era capaz de ouvir que o silêncio também é um ruído. O mundo lá fora o deixara em paz, só a alma ali dentro dele continuava lhe declarando algu-

ma guerra, assim mesmo, alguma guerra, conforme ele dizia. O colchão da cama era duro como ele gostava, tinha dois travesseiros, um triangular, que eu lhe trouxera, frescura se recostar, não preciso disso, ele dizia, já ia dizendo, mas usava, e ficava lendo o dia inteiro, quando não palestrava comigo em nossos encontros semanais.

Ele não tinha ilusões. Sabia que seria condenado e perderia o benefício da solidão concedido pela já aconchegante cela individual. Só queria ser compreendido, antes que isso acontecesse. E não podia admitir que alguém tivesse poder sobre a continuação de sua vida com um veredicto. De novo a pena de morte. Queria continuar pensando que a existência nunca terminava, como todos nós fazemos enquanto estamos vivos, conforme ele dizia. Depois de muito penar ainda solto por aí, ele achava que já se ajeitara com as circunstâncias eventualmente perpétuas de sua precariedade, ainda que a perda da referida cela individual o assustasse. Mas ele não poderia conviver mesmo com a ideia de uma data marcada pra morte. Saber que o limite da vida poderia ser determinado de fora já significava o fim. Mesmo assim e apesar de tudo, ele dizia que não iria nem se defender, que precisava apenas contar, simplesmente contar o que acontecera.

E, já que eu me intrometia no cotidiano sem estremecimentos dele, eu agora teria de ouvir. No tribunal ele não diria nada, já estaria tudo decidido mesmo. Queria contar pra lembrar como fora que viera parar ali, descobrir o ponto em que poderia ter recuado, talvez, mesmo que a princípio jamais tivesse cogitado se arrepender do que fizera. Agora era um pouco diferente. No final das contas, dizia, queria mesmo era entender. Entender, ele mesmo, as coisas. E entender mesmo ele mesmo a si mesmo, se é que isso era possível, e ele duvidava desde já. Também não acreditava que eu pudesse ajudá-lo, nem em sonhos, pode ir tirando o cavalinho da chuva, ainda que eu tivesse

vindo e estivesse ali justamente por causa disso. Mas ele ia contar, não custava tentar, tentar pela última vez.

E na sua ladainha monomaníaca ele dizia que já fora lobo solto, que caçara sem eira nem beira nas pradarias da vida, mas hoje era como a pantera do poeta, uma onça enjaulada, e com o indicador logo dava três toques cheios de sotaque num livro que trazia ao colo. Perguntou se eu conhecia, eu disse que não, e ele sentenciou, arregalando os fumos do professor peculiar que era: é como se mil grades houvesse, a me cercar, e atrás de mil grades nenhum mundo. Depois descobri de quem ele falava, isso nem dá mais trabalho hoje em dia com tanta enciclopédia virtual à mão, e mais uma vez me surpreendi descobrindo as praças singulares em que aquele João treinava. E ele arrematou dizendo que se às vezes caminhava pra lá e pra cá junto à barreira de metal, não era porque gostaria de sair ou porque sentia falta do prado aberto de seus verdes campos. Sim, ele sabia muito bem que não conseguiria mais se virar lá fora, até tentara e não soubera, que se sentiria mais perdido por lá do que ali dentro, o mundo havia mudado demais. Mas às vezes o espasmo de uma lembrança bárbara dominava seus membros, e ele se levantava da cama num salto, e caminhava de um lado a outro até que as ondas do passado solto que percorriam seus músculos se acalmassem, e o mar de seu corpo voltasse à bonança.

Era o que ele dizia, e que no fundo se sentia livre ali dentro, e inclusive aprendera que a imensidão sem fim que vigiava lá fora podia muito bem ser o pior dos cativeiros. Onde estava agora era bem mais fácil planejar as coisas, entender seu mundinho, continuar uma vida já meio perdida sem grandes sobressaltos.

Recusara até o advogado que o filho lhe mandara, alegando que não aceitaria penitências tardias da parte do herdeiro, sem contar que nem teria mais dinheiro pra pagar os serviços bachareis. E não dera, nem daria, a menor bola ao defensor público que

providenciaram pra ele. Todo mundo sabia o que acontecera, e o que ele eventualmente diria, o que o causídico talvez dissesse, não mudaria em absolutamente nada o estado das coisas. Às vezes era preciso errar, ele achava, às vezes essa era a única possibilidade, às vezes simplesmente não se conseguia fazer as coisas como manda o figurino. Mas o certo era o certo, e ele agora queria encará-lo de frente. Só precisava contar o que tinha pra contar e repetia que se eu aceitasse ouvir não me mandaria embora.

Ouvir, entendido!

E ainda me avisava que sempre gostara da ordem. E que a respeitava não apenas naquilo que dizia, mas inclusive, e aliás sobretudo, naquilo que fazia. Sim, porque ele ainda era daqueles que faziam o que diziam, e não dizia uma coisa aqui, pra fazer ou até dizer outra acolá, dependendo de quem estivesse ouvindo. Sendo assim e sabendo que até mesmo o cachorro de um causo, sobretudo se verdadeiro, precisava ter focinho e rabo, mais um corpo no meio, ele já dissera logo no segundo dia, porque no primeiro nem me deixara entrar, que começaria contando como era no princípio, pois era assim que se fazia e era certo. E dissera ainda que tinha uma excelente memória, que se lembrava de quase tudo, que os paranoicos desde sempre contavam todas as ervilhas de um sucedido, uma a uma, separando-as por tamanho e verdor, e que aquilo que ele não se lembrava outros haviam lhe contado e acabara se transformando em recordação só dele com o tempo.

Eu, de minha parte, sabia que a fronteira entre o que se viveu, o que se imaginou e o que nos contaram é bem difusa, que não era necessário estar presente pra saber de tudo, que às vezes a forma mais autêntica de se converter em testemunha era reviver o sucedido sem nem mesmo experimentá-lo, de modo que tudo aquilo que o estranho àquela hora ainda iria me dizer, tudo

aquilo que ele foi me dizendo depois, desde já era verdade, a mais pura verdade, e só era verdade porque ele iria me dizer, e aliás já me dizia, do jeito que dizia.

E foi então que ele veio com a história dos gatinhos...

2.

Eu chegava, me abancava e ouvia, ouvido aguçado, caneta e papel na mão.

Desde criança, quando ainda chutava os rastros de trator marcados na secura do barro, ele sempre quisera ver o universo bem longe, por trás das montanhas que cercavam o lugarejo em que nasceu. Nos momentos em que a fantasia dava à realidade sua maior beleza, ele sonhava com a imensidão do mundo ao olhar pro céu refletido numa poça d'água, ao alcance de seus pés. E tinha de se conter pra não atender à vertigem e mergulhar no abismo, atingindo apenas a decepção de sujar as calças no barro de terra vermelha, pra ouvir a mãe xingando depois, ou até apanhar do pai, que era sempre o responsável pelo serviço sórdido. Era assim, a vida. O infinito, ao ser tocado, não passava de uma poça de água suja.

O pai, o velho Vassili, quase nunca estava em casa, ocupado na lida da roça, sempre acompanhado do fiel Carmo, de modo que ele, o guri, quase sempre, um quase sempre que dependia diretamente do quase nunca do pai, acabava se escapando das listras

vermelhas da vara nas pernas e nas costas, pois no lugar de onde ele vinha era assim que se fazia, assim que era certo e ninguém estranhava. A mãe, dona Maria, Maria Nasyniack, Weber de nascimento, se limitava ao latim de chamá-lo de Sujismundo, ele dizia, enquanto tocava o canto do olho ao se lembrar, e eu mantinha no rosto a expressão incrédula que esboçara já ao ouvir das listras da vara, e que ele censurava com cara de vai catar coquinhos, seu cidadão fresco.

Uma vez que a realidade não lhe permitia grandes viagens, ele só conhecera a argentina Oberá, do outro lado do rio do seu nascimento, o Uruguai que banhou sua infância, conforme ele dizia. E fora incrível, aqueles fuscas esquisitos, maiores, fuscas argentinos, como se dizia, gaietas, quantas gaietas, *g, a, l, l, e, t, a, s*, é assim que se escreve, ele corrigiu, professoral, ao me ver assinando um ponto num “i” que não havia, estradas asfaltadas, bem asfaltadas, umas compras gigantescas de supermercado, valia a pena, coisas que ele nunca comera, *galletas* deliciosas, quase tão boas quanto os *pirochkis* da avó paterna que ele aliás podia comer só de vez em quando devido à grande pendenga familiar, ainda falaria disso, um mundo com um punhado de coisas diferentes, incrível, uma moita inteira a revirar pra ver o que havia dentro. Mas como aquela fora a única viagem da infância, lhe restavam os périplos do pensamento, que ademais, ele achava, deviam ter sido decisivos no sentido de destruir de uma vez por todas as perspectivas da realidade pra ele.

Pois então não era assim, ele me perguntava sem querer resposta, e já me empurrando de volta à minha ínfima mímica, bom mesmo era antes e depois das coisas, porque as coisas em si, tocadas, vividas, sempre deixavam a gente no meio de uma paisagem que não tinha mais graça, contornada por um rio turbulento e cheio de pontes queimadas, que não permitiam mais que voltássemos nem seguíssemos adiante. Por acaso não era as-

sim? Bem assim? Com ele era sempre assim. Alcançar era ficar no quase nada daquilo que é, matando tudo que poderia ser. O galardão era agradável apenas quando não passava de um desejo, porque quando satisfeito se mostrava cheio de desgostos e amarguras. Alexandre fora feliz no instante exatamente anterior àquele em que conquistara a Pérsia e todas as suas riquezas.

E então ele ainda sapecava: encontras a mulher de Dário mais bonita do mundo, imaginas relâmpagos e trovões botando fogo na floresta virgem de uma cama e quando a consegues sempre te perguntas, se fores realmente honesto contigo, então isso foi tudo, foi por isso que lutei, isso que eu quis, e que eu busquei com tanto empenho? Menos mau que depois, na memória, a mulher, o momento, podia começar a melhorar de novo, aos poucos, dependendo das circunstâncias. Sujismundo, ele murmurou só consigo, pra terminar dizendo que era uma espécie de são Tomé às avessas, e só conseguia acreditar naquilo que ainda não tinha visto.

Não bastasse o foco ancestral na fantasia, a lei incutida já na infância de que só o trabalho é que valia a pena terminara por lhe estragar pra vida inteira tudo o que era bom, inclusive quando poderia gozar o maior fausto, arruinando o só prazer até de uma fruta-do-conde. Ele gostava muito de fruta-do-conde, na verdade, mas tinha de se concentrar pra sentir o prazer, treinar o desfrute, tão nobre aquele araticum polpudo, porque do contrário ficava pensando nos cinco reais que ele havia custado, questionando se seria de fato merecedor dele, e na maior parte das vezes terminava se satisfazendo desgraçadamente com a metade, enquanto a outra metade, que ele deixava pro dia seguinte, acabava estragando. Duro viver a vida pensando sempre que o melhor ariticu, como diziam na roça, ficava no alto do pé, bem longe do alcance de suas pedradas.

E prosseguia no discurso de que pra ele o paraíso se perdera

na mesma infância, quando pôde vê-lo sem maculá-lo, quando as regras da faina cotidiana ainda não o afetavam tanto, apesar da cartilha que já ia sendo imposta. Ainda hoje ele pensava numa tia lhe dando banho, ele não devia ter mais de oito anos. Ao ver a água correndo de seu pingolim no chuveiro, ela perguntava se o príncipe estava mijando, ao que ele respondia na maior precocidade que não, que era uma lei da natureza, uma questão de extremidade, saindo do alcance da ducha pra tia ver que nada escorria, e em seguida ouvi-la dizer, mija, meu príncipe, mija em mim. Aquilo sim, aquilo sim era a única possibilidade de ventura, porque terminava ali mesmo, não continuava até o fim, porque a tia, sua tia, a bela tia, lhe empurrava a mão de lado quando ele pensava em superar o medo pra avançar um pouco mais, ela que nem era uma mulher, e sim um camelo, porque aquilo não eram glúteos, e sim corcundas cheias de oásis no horizonte vazio de um deserto bem plano. Meu deus, como o mundo era capaz de se mostrar assim tão empinado! Sujismundo, ele dizia mais uma vez consigo mesmo num quase sussurro, sufocando um soluço. Só aquilo que inventamos é que existe de verdade, mas eu nem sei se gostas realmente de mulher, ele concluía, e eu já notava que era sempre assim, ele parava de sofrer me enfiando a faca.

E ele também lia e lia, não parava de ler. Viste como minha vida nem mudou tanto assim, ainda dizia. Se ele agora se embrenhava cada vez mais nos russos de seu pai, deixando de lado os alemães de sua mãe, bávaros bárbaros que aliás nunca cultivara de verdade, quando era pequeno a saudade da lonjura em pouco o tinha feito devorar todos os livros que existiam na biblioteca nem tão precária da escola, adultos e infantis, de ficção e de não ficção, incluindo as enciclopédias, verbete por verbete, de Aasvero a Zwingli, esses eu devia conhecer. Até hoje quando contavam sua história no torrão natal, e aquele funes criterioso

tinha história pra contar, lembravam que tudo começara bem cedo e falavam da biblioteca da escola.

Outra coisa que ele fazia pra alcançar com alguma realidade a mais os ares ao longe na cadeia infinita de sua infância, ainda faltava muito pra inventarem a internet, era transformar os chuveiros que via na TV dos vizinhos em imagens nítidas na telefunken de sua casa, ao instalar uma antena de bambu das mais altas, com uma barra de fluorescente queimado na ponta, se eu sabia, aquelas lâmpadas fluorescentes em forma de canudo, que eram as mais modernas. Quem tinha fluorescente, que todos chamavam de florescente, engolindo o “u”, quem tinha florescente em casa era rico, luz branca, todos admiravam, porque ainda havia muitos que usavam o amarelo do liquinho a gás, se eu acreditava, por não haver instalação elétrica em várias das casas. Já no mais distante dos interiores se media a evolução pela quantidade de luz capaz de brilhar no escuro, e a luz branca era a última extensão do fogo rubro que fez do mundo dos homens o que ele era, e passou a permitir, pelo menos potencialmente, a eventualidade da mais-valia trabalhadora, num universo que mesmo lá onde todos ainda iam dormir com as galinhas mostrava os sinais de estar se tornando cada vez mais rápido, mais ágil e mais claro. Eu devia entender disso, em minhas filosofias, fato é que o florescente na vara de bambu funcionava tão bem que na casa dele pegava inclusive mais de um canal. A programação era o que menos importava, e sempre se escolhia a diversão com menos chuveiros.

E também caçava estações de rádio, de cuja existência os outros nem desconfiavam, no caixote de ondas curtas, que ele vivava de um lado pra outro, concentrado, caminhando com ares de místico pela casa inteira como se tivesse uma forquilha na mão à procura de uma vertente pra fazer seu poço, na imitação do pai, o velho Vassili, e achando que o bombril na ponta da has-

te mágica de captação ajudava um bocado. E parece que ajudava mesmo. A fonte no seu caso acabava ficando sempre debaixo do pé de manga, onde estava instalado o contador de energia elétrica da casa, que pro bem da família alimentava rádio, TV, fluorescente e todo o resto.

Ele mal lançava alguma sombra e já conhecia todas as cidades do mundo pelos jogos de futebol que ouvia, e um dia chegara até a humilhar uma professorinha de terceira série que o chamara de burro assim no mais quando ele discordara dela, dizendo que Roma não era mais um país. Ao ver que ele não desistiria de seu ponto de vista, a professorinha o pegara pela orelha e o levava, junto com a classe toda, até um mapa-múndi no laboratório de geografia. Lá ele mostrara a ela por A mais B, peito estufado, onde ficava a Itália, cuspiendo ao círculo de coleguinhas que ainda pisaria aquelas terras em que os césores, apesar da ignorância da professorinha, haviam acabado bem antes dos saudosos tempos do ariri pistola.

Ele dizia que naquele mundo interior se lia o cotidiano nos sinais da natureza, a mandioca amargava se plantada na minguan-te e por certo chovia à noite quando os gatos sobreviventes comiam grama durante o dia. Onde se viu essa de gato comer grama? Ele lembrava que até os galos da chaminé girando ao vento decifravam um universo. Quando velhos e enferrujados, anunciavam casamento antigo como o dos pais dele, afinal de contas ninguém se separava no lugarejo, escolheu, escolheu, se escolheu errado, quem mandou errar, assume e enfrenta o erro, de preferência até o fim da vida. Quando novos, brilhando em seu latão ainda luzidio, os mesmos galos anunciavam núpcias recentes, casais que ainda faziam um bom barulho, e não apenas pela gritaria das brigas que vinham depois, junto com o mau hálito da realidade.